



AS OITO HORAS DE TRABALHO E O "JORNAL DO COMÉRCIO"

A guerra às 8 horas de trabalho persiste ainda. Rotineiros, estúpidamente rotineiros, os industriais e os comerciantes ainda declaram contra elas verdadeiras enormidades, como se as 8 horas ainda estivessem no tempo em que esta reclamação foi iniciada: a greve trágica de Chicago, em 1886.

Pois hoje, isto é, 39 anos depois há quem discuta as 8 horas como se tratasse dum assunto novo, pouco conhecido e ainda por estudar! Só em Portugal, país onde a ignorância faz lei e a rotina é uma instituição nacional, é que se ouça discutir um assunto já velho, gasto e sediço. É claro que a ignorância às vezes é simulada e oculta uma intencional má fé...

Dessa má fé dava há dias provas incontestáveis o Jornal do Comércio num artigo consagrado ao horário de trabalho. Imaginem os leitores que o grave, o conservadoríssimo jornal mostra-se enormemente preocupado com a liberdade individual. Ninguém tal diria, num jornal exclusivamente dedicado às questões que interessam a finanças, o comércio e a indústria.

Supunhamos que ele se preocupava unicamente com os mercados do cacau, da canela, das rolhas e do carvão de coke e, afinal, surge-nos arvorado em campeão da liberdade, preocupadíssimo com ela e quebrando, gallardamente, lances em sua entusiástica defesa. E nós a julgamos que a liberdade e os homens de negócios eram incompatíveis; que a liberdade para aquele jornal não passava duma coisa excessivamente perigosa e excessivamente obscena...

O Jornal do Comércio entende que as 8 horas de trabalho são contrárias à liberdade individual, porque impedem o operário, o industrial e o comerciante de trabalhar corsoante lhes apetece. Aqui têm onde chega a preocupação, do jornal das cotações do arroz pardo, pela liberdade. Essa liberdade é a tática que pode ser por eles defendida. É inútil perguntar se a liberdade consiste na liberdade ilimitada dos comerciantes e industriais explorando os operários. Essa estranha, essa criminal liberdade de explorar é limitada pela consciência dos operários e só lhe há sempre na medida da energia que eles empreguem para se defender dumra exploração que não se detém na negação do direito à vida.

A liberdade de escravizar, que é uma tirania e uma tirania odiosa, eis o que deve ser combatido em nome da verdadeira liberdade, daquela que transforma os escravos em homens livres e obriga os exploradores a curvarem-se perante a evidência ou

a procurarem outro planeta e a deixarem-nos em paz.

O horário de trabalho não é uma lei, é um costume que uma lei resolva sancionar; é ainda uma concessão apenas aparente feita à classe operária após Monsanto. Como lei é obrigatório para todos o seu cumprimento. O Jornal do Comércio que nunca protestou contra as ditaduras, nem contra as frequentes arbitrariedades do poder, nem contra os crimes da polícia, nem tão pouco protesta contra as leis que asseguram a propriedade privada, mostrando agora cheio de indignação, porque as 8 horas de trabalho são uma lei que coarta os industriais e os comerciantes de explorar desmedidamente os operários. O Jornal do Comércio tem ainda o direito — o direito de protestar e de divergir não reclamamos sómente para nós — de atacar a lei das 8 horas se porventura ela fosse cumprida. Mas, nem os industriais, nem os comerciantes a cumprem.

Ela é respeitada sempre que os operários a conquistam e sabem defendê-la, é desrespeitada sempre que os operários deixam que a vontade omnipotente e escravizadora dos seus exploradores lhes subtraia essa regalia. A lei é uma tréta quando acatula os interesses dos operários; só é respeitada pelas classes capitalistas e conservadoras quando lhes defende os seus privilégios inquiseiros os seus preconceitos absurdos.

O Jornal do Comércio atribui às 8 horas todas as crises, todos os prejuízos, todas as oscilações cambiais, todas as calamidades. Aqui falta à verdade, pois a maioria do operariado ainda não conquistou as 8 horas que existem, quase exclusivamente nos grandes centros e mesmo assim parcialmente. Mais um pouco de audácia e aventureira que as 8 horas é que deram origem à guerra europeia...

O artigo a que nos vimos referindo diz que não se pretende insurgir contra as 8 horas. É curioso que depois de lhe atribuir todas as calamidades se chegue a essa afirmação. Mas reflectindo bem não se estranha a afirmação: o Jornal do Comércio não se insurge contra as 8 horas, quando elas não existem. Mas sempre que tal aconteça, insurge-se logo, porque considera o momento inopitudo.

Da oportunidade do seu estabelecimento descane a folha comercial porque dela não será juiz. As 8 horas só serão oportunas quando todo o operariado tenha força e consciência para as impôr. E quando esse momento chegar de nada vale ao Jornal do Comércio, nem o artifício, nem a lamúria, nem a mentira, nem a colossal defesa da catolicismo.

Entendem os monárquicos que os católicos são católicos asaz mais uma vez a eterna disputa em que andam. Pretendem os primeiros de que só pode defender, com autoridade, a igreja quem não defende outra coisa. A causa da Igreja reclama ao indivíduo que a defende a obediência completa e cega do preceito de que só a actividade política está vedada quando não obedeça ao propósito exclusivo da defesa do catolicismo.

Semelhante atitude é por estes classificada de sacrifício e herética. Os outros, por sua vez, não lhe ficam atrás.

Conclusão a extrair: uns e outros são católicos que de boa vontade se exterminam.

E ainda as Novidades se preocupam com as scições que se não dão na C. G. T.

O herói e o touro

Nun'Alvares o herói e santo, o santo herói ou o herói santo vai ser comemorado este ano pela Cruzada dos abrastros que tem esse nome. E vai ser comemorado — imaginem os leitores de que forma? Com uma tourada nocturna.

Há talvez na maneira como a comemoração é feita um simbolismo estranho mais lógico. Nun'Alvares ao investir nos castelhanos era bravio e impetuoso como um touro; o touro a investir com os toureiros é bravio e impetuoso, como um Nun'Alvares.

De onde se infere que um curro donde saem bois se parece com a pátria donde saem os heróis. Ambos são brutos, ambos são feroces — o herói e o touro.

Se fôssemos nós que fizéssemos a comaração a que a Cruzada Nun'Alvares oferece com a sua tauromáquia comemoração que diriam os defensores do anormal, do doido dos acontecimentos duma época aprovada?

Devem abandonar a casa e passar seu tempo na igreja, ao pé do padre, com ou sem máquina de costura? Nós nada temos com isso, únicamente acentuamos a habilidade com que o padre leva a água ao seu mocho — e que águas... e que moinhos...

Dois criaturas muito cotadas em Vila Franca, nos meios religiosos e endinheirados, foram procurar o patriarca para o pôr ao facto da conduta do padre e pedindo-lhe para o substituir.

O patriarca tomou a única atitude que se coaduna com a tradição da igreja: respondeu que não acreditava no que lhe contavam pois que considerava o padre Ramalho um homem de bem.

Como lhe referissem que o povo de Vila Franca estava indignadíssimo e na disposição de sovar o «homem de bem» o patriarca pediu, de mãos postas, fervorosamente, a Deus todo poderoso que não consentisse semelhante atrocidade. No entanto este último argumento abalou-o e constrangidamente mandou um padre proceder a uma sindicância.

O padre sindicante, igual aos sindicantes que os governos nomeiam para abafar os escândalos, limitou-se a ouvir as beatas afetas ao prior Ramalho.

Porém, o membro da irmãdade que funciona na igreja, já indicou ao sindicante que os vestígios das escenas amorosas do padre se encontram debaixo do púlpito.

Há ainda umas questões de dinheiro, uns documentos falsificados que não bulimos hoje por piedade para com as Novidades que dizem que sem educação religiosa não há moral possível...

O púlpito que o diga...

A volta à Europa em avião
PARIS, 11.—O capitão aviador Arrachart que está tentando a volta à europa em avião aeroporto de Vila Franca. Assinalámos que o pretexto invocado para isso consiste numa máquina de costura destinada a confeccionar saias e cuecas ou outras quaisquer peças de roupa branca e fina. Há quem entenda que as mulheres

Notas & Comentários

A agência

Continua a imprensa conservadora a manifestar a sua habitual ignorância perante os assuntos operários. O que lhe falta em sabedoria sobreja-lhe em má-fé — e só a má-fé a pode cegar ao ponto de não ver o que lhe passa em sua própria casa. As Novidades, por exemplo, davam a C. G. T. como prestes a liquidar, esquecendo-se que ocorre neste momento entre os católicos que não se entendem e se descompõem a cada passo. Os bispos discordam dos monárquicos católicos, estes zurzem os bispos e chamam-lhes ingratos. E nós que não estamos cegos, como os nossos adversários, ainda não dissemos que o catolicismo estava na agonia. Porque infelizmente

Uma cíclada?

Os jornais conservadores principalmente os afectos às «fórcas vivas», vêm dando um grande alarme em torno do incidente de pesca havido entre portugueses e espanhóis na foza do Guadiana. Não nos parece que o caso mereça tantas palavras violentas e tantos gritos de guerra. Desconfiamos muito da sinceridade e das intenções destes patriotas que, sempre que lhes convém, tangem a corda sentimental dos brios nacionais ofendidos. Há quase sempre sob essa exaltação um interesse inconfessável a defender, um negócio a explorar, ou um fornecimento de guerra a fazer. O proletariado de sôbreaviso deve preparar-se para pulverizar qualquer cíclada que os homens de negócios queiram armar-lhe.

Quatro e meia...

O ridículo éarma mais perigosa posta ao serviço dumha idea. Raras vezes o atingido encontra meios eficazes de defesa contra essa arma terrível. O que mais contribui agora para transformar num fiasco a chamada conferência dos campeões foi o ridículo que a cobriu, não porque lhos emprestámos, mas porque tal se encarregava de revestir-se. Houve quem lhe chamasse a conferência dos quatro delegados e meia. Foram exagerados... mas no fundo do exagero não deixamos de encontrar uma pontinha de razão...

A fúria dos crentes

Os católicos e os monárquicos que também são católicos asaz mais uma vez a eterna disputa em que andam. Pretendem os primeiros de que só pode defender, com autoridade, a igreja quem não defende outra coisa. A causa da Igreja reclama ao indivíduo que a defende a obediência completa e cega do preceito de que só a actividade política está vedada quando não obedeça ao propósito exclusivo da defesa do catolicismo.

Entendem os monárquicos que os católicos estão subordinados à república e que abdicaram de defesa da monarquia e dos seus esforços para a implantar.

Semelhante atitude é por estes classificada de sacrifício e herética. Os outros, por sua vez, não lhe ficam atrás.

Conclusão a extrair: uns e outros são católicos que de boa vontade se exterminam.

E ainda as Novidades se preocupam com as scições que se não dão na C. G. T.

O herói e o touro

Nun'Alvares o herói e santo, o santo herói ou o herói santo vai ser comemorado este ano pela Cruzada dos abrastros que tem esse nome. E vai ser comemorado — imaginem os leitores de que forma? Com uma tourada nocturna.

Há talvez na maneira como a comemoração é feita um simbolismo estranho mais lógico. Nun'Alvares ao investir nos castelhanos era bravio e impetuoso como um touro; o touro a investir com os toureiros é bravio e impetuoso, como um Nun'Alvares.

De onde se infere que um curro donde saem bois se parece com a pátria donde saem os heróis. Ambos são brutos, ambos são feroces — o herói e o touro.

Se fôssemos nós que fizéssemos a comaração a que a Cruzada Nun'Alvares oferece com a sua tauromáquia comemoração que diriam os defensores do anormal, do doido dos acontecimentos duma época aprovada?

Devem abandonar a casa e passar seu tempo na igreja, ao pé do padre, com ou sem máquina de costura? Nós nada temos com isso, únicamente acentuamos a habilidade com que o padre leva a água ao seu mocho — e que águas... e que moinhos...

Dois criaturas muito cotadas em Vila Franca, nos meios religiosos e endinheirados, foram procurar o patriarca para o pôr ao facto da conduta do padre e pedindo-lhe para o substituir.

O patriarca tomou a única atitude que se coaduna com a tradição da igreja: respondeu que não acreditava no que lhe contavam pois que considerava o padre Ramalho um homem de bem.

Como lhe referissem que o povo de Vila Franca estava indignadíssimo e na disposição de sovar o «homem de bem» o patriarca pediu, de mãos postas, fervorosamente, a Deus todo poderoso que não consentisse semelhante atrocidade. No entanto este último argumento abalou-o e constrangidamente mandou um padre proceder a uma sindicância.

O padre sindicante, igual aos sindicantes que os governos nomeiam para abafar os escândalos, limitou-se a ouvir as beatas afetas ao prior Ramalho.

Porém, o membro da irmãdade que funciona na igreja, já indicou ao sindicante que os vestígios das escenas amorosas do padre se encontram debaixo do púlpito.

Há ainda umas questões de dinheiro, uns documentos falsificados que não bulimos hoje por piedade para com as Novidades que dizem que sem educação religiosa não há moral possível...

O púlpito que o diga...

A volta à Europa em avião
PARIS, 11.—O capitão aviador Arrachart que está tentando a volta à europa em avião aeroporto de Vila Franca. Assinalámos que o pretexto invocado para isso consiste numa máquina de costura destinada a confeccionar saias e cuecas ou outras quaisquer peças de roupa branca e fina. Há quem entenda que as mulheres

CARTA DE ESPANHA

O atentado contra o rei de Espanha

Levanta-se uma ponta do véu que encobre o penúltimo atentado

MADRID, 8.—Já todos têm conhecimento da nota oficial do Directorio espanhol a propósito do atentado contra os reis desta deliciosa Espanha que sucedeu há coisa de três meses; nessa nota, cujos dados foram fornecidos pelo governador civil de Barcelona, publicam-se os nomes dos supostos autores do atentado.

Como se pode ver, o atentado não foi preparado por elementos anarquistas: pela primeira vez em Espanha a polícia não implica os anarquistas num atentado contra

Vê-se, pois, que os actos de violência não só são empregados pelos anarquistas, mas também por todos aqueles que desejam derribar as instituições actuais e eliminar os seus indivíduos por actos violentos ou atentados dinásticos, forma mais propícia de provocar uma revolução e conseguir os efeitos desejados.

Havia já três meses decorridos e nós os espanhóis, ainda não sabíamos como tinha sido e quem preparava a tentativa que provocou a rápida saída de Barcelona de todo o séquito dos Bourbons, únicos caudadores das desgraças de Espanha.

Devido à completa ignorância em que a opinião pública tem estado mergulhada, começou-se fantasiando à larga sobre o caso, sendo ponto assente que as autoridades espanholas não deram a publicidade necessária do ocorrido, com receio de que se desse importância ao facto e de que a fantasia levasse o caso para mau caminho.

Para elucidar os leitores de *A Batalha*, damos a seguir a nota publicada agora na imprensa e que não deixa de ser interessante:

«Tendo sido instaurado o processo pelo juiz militar Fernández Valdés, do «complot» descoberto em Barcelona no fim de Maio, autorizou-se a publicação da seguinte nota, na qual se dá uma explicação sobre a origem e estado do assunto:

«Informada a polícia de que se tramava um «complot» com o fim de fazer rebentar uma bomba, num túnel da costa de Garral, a passagem do comboio em que viajavam as pessoas reais, foram detidos na estação da dita aldeia: (seguem os nomes dos indíviduos).

Foram presas também outras pessoas: foram postas à seguir em liberdade, depois de comprovada a sua inocência no que se refere ao «complot»; no entanto ficaram à disposição do juízo militar, acusadas de tentar a detenção em Garral a polícia apreendeu uma bomba que os primeiros tinham escondido nas imediações do túnel, as cargas para a mesma, numerosas pilhas eléctricas e ferramentas com as quais se serviram para enterrar a bomba sob um dos rails da via férrea no ponto em que tinham combinado fazê-la rebentar.

«A bomba e a carga foram entregues ao Conselho de Artilharia o qual confessou que se a mesma rebentasse teria causado graves danos.

«Os detidos que estão incomunicáveis, confessaram a participação que cada um teve no «complot» e imediatamente foram postos em comunicação. Das suas declarações depreende-se que o «complot» fôr preparado de acordo e por ordem, mais ou menos directa, de elementos extremistas refugiados em França,

EM SAMORA CORREIA

Os grandes potentados

O desrespeito da «Companhia das Lézírias» e da «Samorense» pelos operários que exploram e envenenam. — A inevitável inferioria das autoridades. — Como a «senhora companhia» impede o seu pessoal de se organizar

No meu primeiro artigo limitei-me a notificar a existência, nesta vila de Samora Correia, de dois colossos — A Companhia das Lézírias e A Samorense, que nunca consentiram aos seus numerosos assalariados o aproveitamento do regime das 8 horas de trabalho nem do descanso semanal.

Vou dizer hoje alguma coisa sobre o aliança social dos dois colossos: o primeiro fundado por inspiração da realza com o seu aliado louvável, de cultivar os enormes tratos de terreno de que, por várias artes, se assemelhou e de que se julga legítima dona; e o segundo com o fim de proporcionar trabalho aos operários da vila, um bairro próprio, cooperativas, etc., mas que se tem limitado a moer trigos e outros cereais, pôrdes ou fermentados, envenenando o organismo desta pobre gente, chegando a ser tão grave o crime que se desenvolveu uma epidemia na população, caracterizada por cólicas estomacais e intestinais, seguidas de diarréia purulenta e sanguínea, sem que as autoridades sanitárias, obrigadas ao colosso, tivessem dado um simples passo para modificar um tal estado de coisas.

Era naturalíssimo que, vendendo-se em todas as 8 padarias da terra um pão escuro, mal cheiroso, que as aves domésticas, cujo paladar é quase nulo, chegavam a rejeitar, o médico tomasse as devidas providências para evitar o envenenamento da população.

Mas o médico vivia em casas pertencentes ao padre, gerente da moagem, passeava nos seus cavalos, tinha à ordem o automóvel da empresa, recebia os sacos de gansava para a criação, etc., estando por isso inibido de cumprir os seus mais rudimentares deveres de autoridade sanitária, no que sequer chegou a pensar.

As autoridades... afirmou-se um dia na minha presença que a Samorense havia apresentado um chefe de distrito com um bemíssimo porco, já morto e devidamente preparado. Por isso não vale a pena relatar as fícões de fiscalização que, por vezes, se tentaram aos géneros armazenados na moagem, nada se encontrando suspeito. Pois eu mesmo, visitando um dia a fábrica vi, num celeiro assolhado a tijolo, trigo pôrde que era padejado para os sacos em blocos cheios de bolor; e tudo isso, misturado com outras mixórdias, produzia o pão que nos envenenava e os milhares de contos que hoje possuem os 5 sócios cuja conta inicial foi de 4 contos apenas!

E isto há 5 anos apenas!!!

Tanto a famigerada Companhia das Lézírias, como a não menos célebre moagem, a Samorense Lda., têm ao seu serviço, aqui em Samora Correia alguns centos de indivíduos que mourem o negro pão da aia, sem terem como já hoje em Portugal tantos milhares de operários tém, qualquer regalia social das poucas que o proletariado disfruta.

Não estão no seguro; e, em caso de acidente, mesmo acidente grave, como aquele de que foi vítima António Serrador, que ficou sem um pé, em serviço da Companhia, e João Félix Costa ao serviço da moagem, não têm uma indemnização por mimaria que seja.

E porque?

Porque aqueles que, por isso, se deviam interessar têm medo de cair no desagrado dos colossos, o que o mesmo seria que se rem condenados a não poderem trabalhar mais nos serviços dos dois potentados.

Não têm estes infelizes uma simples associação que vele, pelos seus interesses e não há de ser muito facil levá-los a associar-se; porque alguém tem que ser o primeiro a inscrever-se, e, dai, o ser imediatamente despedido do serviço da Companhia e da Moagem, porque uma e outra entendem-se a maravilha.

E é proverbal a ameaça constante que pesa sobre os artífices que trabalham na companhia das Lézírias; se elas alguma vez pensarem em reclamar as 8 horas de trabalho, o descanso semanal, o seguro social, ou qualquer dessas regalias a que todos têm direito indiscutível, as oficinas fecharão e os operários ficarão sem trabalho.

E esta ameaça iníama ainda de bôca em bôca, constantemente, afirmando-se que ao primeiro movimento as oficinas serão transferidas para outra terra, onde os operários sejam surdos às vozes que vêm de fora.

E é o medo que os mantém sozegados, sem darem acordado de si; e logo que o sol nasce, lá vão elas apressadamente a caminho da oficina da Senhora Companhia, como lhe chamam, conservando-se ali ao almoço e despegando depois do sol-posto. E o que sucede na companhia sucede na Samorense e sucede com os operários ao serviço de particulares que têm que trabalhar de sol a sol.

Filho do povo e operário também, ainda que num outro ramo de actividade, bem pesada, por sinal, eu não posso compreender como, a 15 anos de República, ainda se conserva o operariado como escravo de gleba, sem as mais rudimentares regalias.

Não comprehendo... compreendo. Essa razão ainda O Século há dias a dava glorificando um político que, tendo renegado o seu brillante passado de revolucionário, se passou com armas e bagagens para o campo das forças vivas, das que nos exploram e envenenam.

Serra FRAZÃO

Uma conspiração na Macedónia

BÉLGARDO, 11.—A polícia acaba de descobrir uma vasta organização revolucionária na Macedónia.

Foram presos todos os chefes do projectado movimento.

dos burgueses, esvazia os lares dos trabalhadores, dizimando aqueles que eram o amparo da sua prole, mergulhando-a na mais angustiosa dor e miséria.

Ides semear a dor e o luto... O luto e a dor colherão...

E vós operários que sois um factor indispensável da Guerra, porque sem vós a guerra impossível, sois obrigados a trocar o campo alegre e risonho pela caserna solitária e infeliz; a enxada criadora pela espinhada mortífera; os vossos fatos pelo libré assassinato; o vosso lar, repleto de juvenis sorrisos, pelo campo de batalha onde os gemidos de vossos irmãos agonizantes dilaceram os ares e que vos acusarão de traidores à causa santa e nobre de toda a humanidade... a Paz!

Os presos sociais. — Catálogo n.º 6

A questão do largo de Andaluz

Um assalto escandaloso aos direitos da população

Do sr. Augusto José Marques recebemos uma carta, da qual recordamos os trechos que seguem:

«Em o Diário de Notícias de 29 p. v. v. publicada uma carta do sr. Saúl Simões Sério, presidente da junta de freguesia de Camões, sobre a tão decantada água do Largo de Andaluz.

Ora o povo de Lisboa, em especial, o desta freguesia, acusa a referida junta de lhe «sabotar» a água do mesmo Largo. E o sr. Sério, em vez de se recolher ao silêncio e deixar esquecer o caso, vêm com él a estacada defendendo-se a si e à junta, das acusações que o povo muitos justamente faz, de ter mandado cortar a água.

Diz o mesmo sr. que se não deve cearcer o povo dum aqua para beber sem o avisar, armado-se em defensor do povo, mas vai dizendo que mandando analizar a agua, o sub-delegado de Saúde a deu como contendo matérias orgânicas e fecais.

Portanto imprópria para o consumo. E respondendo eu ao sr. Sério, pergunto ao mesmo sr. Sério; onde, em que jornais e lugares públicos foram colocados os avisos da junta e o resultado da análise ao povo, para este conhecer dessa deliberação e não beber água com «matérias orgânicas e feccais».

Diz mais o sr. Sério que do resultado da análise deu conhecimento à Câmara e esta é que mandou cortar a água.

Aqui ou mento o sr. Sério ou a Câmara na pessoa do dr. Marques da Costa, porque no dia do desvio da água, à noite foi uma comissão procurar sua ex., e ele respondeu que nada sabia; e mandou imediatamente canalizar a água para a fonte. Portanto provado está que sua ex. falou a verdade e a água não tem de tais matérias orgânicas e fecais.

Mas preguntou eu, sr. Sério; o povo queixou-se alguma vez da água? Há alguns casos de intoxicação pela água? Há na junta alguma acta lavrada nesse sentido?

Quem foram os queixosos?

O que me parece e segundo é voz corrente os queixosos-prejudicados, deve ser uma outra bica que existe pelo lado de cima da nossa. Esta é a bica de Andaluz e a outra é a bica da Curia. Se é o que dizem... as mais línguas... andou muita massa... nas matérias orgânicas e fecais. Matérias orgânicas e fecais tem o sr. Sério na cabeça e na algibeira, para assim prejudicar e cearcer um povo de uma tão boa água, que não só é excelente para beber como para curar muitas doenças.

Olhe sr. Sério eu que há 30 anos sozinha da bexiga, intestinos e coração, doenças adquiridas em África, no serviço militar; e nem médicos, nem águas da Curia, Luz e Vídeo, me tem curado; e desde que vim para aqui em Março do ano passado; é que eu moro agarradinho à bica; e comecei a beber daquela maravilhosa água, estou completamente curado.

E isto há 5 anos apenas!!!

Tanto a famigerada Companhia das Lézírias, como a não menos célebre moagem, a Samorense Lda., têm ao seu serviço, aqui em Samora Correia alguns centos de indivíduos que mourem o negro pão da aia, sem terem como já hoje em Portugal tantos milhares de operários tém, qualquer regalia social das poucas que o proletariado disfruta.

Não estão no seguro; e, em caso de acidente, mesmo acidente grave, como aquele de que foi vítima António Serrador, que ficou sem um pé, em serviço da Companhia, e João Félix Costa ao serviço da moagem, não têm uma indemnização por mimaria que seja.

E porque?

Porque aqueles que, por isso, se deviam interessar têm medo de cair no desagrado dos colossos, o que o mesmo seria que se rem condenados a não poderem trabalhar mais nos serviços dos dois potentados.

Não têm estes infelizes uma simples associação que vele, pelos seus interesses e não há de ser muito facil levá-los a associar-se; porque alguém tem que ser o primeiro a inscrever-se, e, dai, o ser imediatamente despedido do serviço da Companhia e da Moagem, porque uma e outra entendem-se a maravilha.

E é proverbal a ameaça constante que pesa sobre os artífices que trabalham na companhia das Lézírias; se elas alguma vez pensarem em reclamar as 8 horas de trabalho, o descanso semanal, o seguro social, ou qualquer dessas regalias a que todos têm direito indiscutível, as oficinas fecharão e os operários ficarão sem trabalho.

E esta ameaça iníama ainda de bôca em bôca, constantemente, afirmando-se que ao primeiro movimento as oficinas serão transferidas para outra terra, onde os operários sejam surdos às vozes que vêm de fora.

E é o medo que os mantém sozegados, sem darem acordado de si; e logo que o sol nasce, lá vão elas apressadamente a caminho da oficina da Senhora Companhia, como lhe chamam, conservando-se ali ao almoço e despegando depois do sol-posto. E o que sucede na companhia sucede na Samorense e sucede com os operários ao serviço de particulares que têm que trabalhar de sol a sol.

Filho do povo e operário também, ainda que num outro ramo de actividade, bem pesada, por sinal, eu não posso compreender como, a 15 anos de República, ainda se conserva o operariado como escravo de gleba, sem as mais rudimentares regalias.

Não comprehendo... compreendo. Essa razão ainda O Século há dias a dava glorificando um político que, tendo renegado o seu brillante passado de revolucionário, se passou com armas e bagagens para o campo das forças vivas, das que nos exploram e envenenam.

Serra FRAZÃO

Uma conspiração na Macedónia

BÉLGARDO, 11.—A polícia acaba de descobrir uma vasta organização revolucionária na Macedónia.

Foram presos todos os chefes do projectado movimento.

dos burgueses, esvazia os lares dos trabalhadores, dizimando aqueles que eram o amparo da sua prole, mergulhando-a na mais angustiosa dor e miséria.

Ides semear a dor e o luto... O luto e a dor colherão...

E vós operários que sois um factor indispensável da Guerra, porque sem vós a guerra impossível, sois obrigados a trocar o campo alegre e risonho pela caserna solitária e infeliz; a enxada criadora pela espinhada mortífera; os vossos fatos pelo libré assassinato; o vosso lar, repleto de juvenis sorrisos, pelo campo de batalha onde os gemidos de vossos irmãos agonizantes dilaceram os ares e que vos acusarão de traidores à causa santa e nobre de toda a humanidade... a Paz!

Os presos sociais. — Catálogo n.º 6

202 5474

1 A's 314

I Revista de Actualidades

II A morte de Shackleton

Documentada em 4 partes. A trágica odisséia do célebre explorador do polo

III O testamento do capitão

Applejack

Cine-comédia de aventuras fantásticas em 7 partes

IV Elegâncias parisienses

(Jornal de Modas n.º 3)

AMANHÃ—Matinée às 3 horas

202 5474

1 A's 314

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE AGOSTO

T.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26		Aparece às 5,47
Q.	13	20	27		Desaparece às 19,35
S.	14	21	28		FASES DA LUA
S.	15	22	29	L.C. dia 4 às 11,50	Sabino da Silva
S.	16	23	30	Q.M. 12 a 13,11	Largo dos Inglezinhos, 50 — LISBOA
D.	17	24	31	L.N. 13 a 13,15	
D.	18	25		Q.C. 13 a 4,45	

MARES DE HOJE

Fraijamar às 8,57 e às 9,32
Paixamar às 1,55 e às 2,27

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	97\$00	97\$20
Madrid cheque	2\$90	
Paris, cheque...	95	
Suica, "	3\$90	
Bruxelas cheque	91	
New-York, "	20\$04	
Amsterdão, "	8\$07	
Itália, cheque...	73	
Brasil, "	2\$40	
Praga, "	60	
Suécia, cheque	5\$40	
Austria, cheque	2\$82	
Berlim, "	4\$78	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Poliégma. — A's 21—O Leão da Estrela.
Nipolo. — A's 21,22—O moleiro de Alcalá.
Een. — A's 21,22—A cidade onde a gente se aborreca.
Mário Vitoria. — A's 20,21 e 22,23—*Rataplan.
Casino de Sintra. — A's 21,22—Concerto pelo teatro Lapetier.
Juvenio. — A's 21,22—Almás e a Cidade.
S. L. S. — A's 20,21—Variedades.
I. Vicente (A Graca). — A's 20—Animatógrafo.
Lamego Parque. — Todas as noites—Concertos e ilustrações.

CINEMAS

Olimpo—Chão Terrasse—Salão Central—Cinema
Centro—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotores de Educação Popular—Cine Paris—Cine Esplanade—Chantecler—Tivoli—Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócias, molas, tubos, molas, chaminés de ferro, peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. — E a casa que fornece em melhores condições.

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MEDICA
Consultório: — Travessa Nova de S. Domingos,
9 (a Rua do Amparo).
Residência: — Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lúcio Cordeiro).

Pedras para isqueiros

Sos quioscos, nos melhores e aos centos, tubos, rodas, fundos e molas de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Venda em grandes quantidades os melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros (Qualidade garantida)

DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS
Rua do Arsenal, n.º 81—Lisboa

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

é inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorragico

É o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 — PORTO

Ler o Suplemento de A BATALHA

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cár, para marceneiros, serradas em tódas as grossuras. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglezinhos, 50 — LISBOA

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito a sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de salas, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de tódas as provéncias.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

CALÇADO BARATO
SÓ VENDE
O
CANDEIAS
Intendents

Calçado Homem
Calçado Senhora
Sapatos de vélta
branca... 4\$00
Sapatos de vélta
branca... 4\$00
Sapatos calçado
prato... 4\$00
Sapatos calçado
de 1.º... 5\$00
Sapatos calçado
prato... 5\$00
Sapatos calçado
fórmamodina... 6\$00
Boias calçado, 2
só... 6\$00
Sapatos calçado
verm... 6\$00
canos camurça... 6\$00
Sapatos calçado
verm... 6\$00
canos camurça... 6\$00
Completo sortimento em calçado mécanico
marcas *Elite*, Botas verniz canos fantasia.
Botas pelica preto cár, tanto em forma americana como forma da moda.

Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do mundo. Um milheiro, 2000. Por que é preciso? Requisitos AUSTRIA E PORTUGAL. Porque é preciso, boa niquelegem, duração 2800. Tubos fechados e abertos, tampões, bicos, molas, rodas ócias e massicas. Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESTEVÃO SOUSA, FILHO, — LISBOA.

GALERIA ECONÓMICA

Do NOVO MERCADO 24 DE JULHO

Os antigos vendedores da Ribeira Nova; de fazendas, roupas, quinquilharias, calçado e botões, participam aos seus EX^{MS} Frequentes ao Públido em geral, a sua mudança para o Novo Mercado 24 de Julho.

Secção de roupas

e se encontram aptos a fornecer todos os artigos que à secção dizem respeito, tais como, roupas novas, fazendas nacionais e estrangeiras, bonets, chapéuaria, quinquilharias, calçado, retrozaria, roupa de senhora e de criança, etc., etc., tudo a

Preços de combate

Se queréis gastar pouco e ficar bem servido comprai nos estabelecimentos do NOVO MERCADO 24 DE JULHO (Secção de Roupas). Recomenda-se uma visita aos nossos estabelecimentos VÉR PARA CRER! ANALISAR PARA COMPRAR!

FÁBRICA

deadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C. a

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Ler a revista gráfica RENovação

FATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lá com bons forros desde 159\$00

IMPREMIÁVEIS INGLESES com tinto e capuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172MATERIAL ELÉCTRICO
MONTAGENS E REPARAÇÕES
FORÇA MOTRIZ
PÁRA RAIOS, PÁRA RAIOS,
TELEFONES E CAMPAINHAS

TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L. DA
(ELECTRICITY)
ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16

LISBOA

Serviço de livraria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja
Gonçalves Correia — Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.

José Prat — A burguesia e o proletariado.

A necessidade da Associação.

Content — Contra o confusãoismo.

Alfredo Neves Dias — Razão (poema social).

Landauer — Social Democra.

R. Mela — O princípio do fim.

*** A maçonaria e o proletariado.

J. Most — Peste religiosa.

J. Rio — Trovas da noite.

Definições sociais.

Contos dum revoltado.

Roberto o Pescador.

— Carnet de Pensamento.

J. Bakunin — No sentido em que somos anarquistas.

J. Lazare — A Liberdade.

C. Etreval — A minha defesa.

Brotokine — A mocidade.

Os bastidores da guerra.

Moral anarquista.

O espírito revolucionário.

J. Guedes — Lei dos Salários.

Briand — A greve geral.

Roland — Rússia Nova.

** O sindicalismo e os intelectuais.

D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.

A. Hamon — A crise do socialismo.

J. Santos — A transformação da sociedade.

Neno Vasco — Georgicas.

Greve de inquilinos, teatro.

Domela — Pátria e Humanidade.

... Proletariado Histórico.

G. Archinot — A Revolução e o Sindicismo.

Carlos Rates — A ditadura do proletariado.

Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus.

N. Lenine — A luta pelo pão.

Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária.

Trostki — Constituição política da República dos Soviéticos.

G. Williams — O Congresso da International Sindical Vermelha.

C. de G. O. N. M. — Propriácia consciente.

José Torvallo — La Revolucion.

Lelio O. Zeno — Problemas universitários.

La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número.

REVISTAS

Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal.

A BATALHA

O II Congresso da Indústria de Tanoaria

Trata-se do desenvolvimento dos sindicatos --- Na terceira sessão apreciam-se duas das teses mais importantes

Reaberta, pelas três horas da tarde, a sessão, é lido um ofício da Delegação da Confederação do Norte, saudando o Congresso e acreditando como seu representante o camarada Saul de Sousa.

Continuando-se na discussão dos estatutos federais, são aprovados, sem discussão, desde os artigos 26 até ao 32.

O artigo 33 sobre uma ligeira discussão, em que entram Manuel Adegas e Eduardo Domingues, acha éste que o prazo de 90 dias para os sindicatos justificarem qualquer falta perante a Federação é demasiado longo. Em seu entender bastaria 60 dias.

O relator, porém, demonstra que, referindo-se o artigo em discussão principalmente a questões de tendências, desvios ideológicos, desrespeitos a resoluções tomadas pela organização, etc., que implicam avergúnias e inquéritos cuidadosos — o citado prazo de três meses até é bem curto.

Deve-se, pois, aprovar o artigo tal qual está — o que acontece até ao artigo 44.

As 45 são eliminadas estas palavras: «a que a federação seja aderentes».

Os restantes artigos são sucessivamente aprovados sem discussão.

No Congresso antigo de nomear a nova mesa para a 3.ª sessão, é salientada a importância da nova estrutura que os estatutos aprovados dão à Federação, tornando-a numa amplitude mais vasta, visto que agora podem ingressar no seu seio os caixoteiros, fabricantes de capas de palha para as garrafadas.

A nova mesa fica assim constituída: Manuel Rodrigues Adegas, dos taneiros de Gaia, presidente; e 1.º e 2.º secretários respetivamente os camaradas José Rodrigues, mecânico de tanoaria de Lisboa, e José de Oliveira Neto, caixoteiro do Pórtico e Gaia.

Faustino Ferreira, da Comissão Organizadora, le a tese: «Os operários da indústria vinícola em face dos seus deveres sindicais», cujas conclusões são as seguintes:

1.º Os sindicatos ou associações constitutivas da indústria de exportação vinícola, devem adoptar o sistema de sindicalização obrigatória de todos os seus respetivos componentes.

2.º Que os mesmos organismos iniciem imediatamente uma forte agitação nesse sentido, oral e escrita, coordenando-nos a Federação a mesma agitação.

3.º Que o primeiro número destas conclusões seja posto em prática três meses depois da realização deste congresso.

4.º Que no caso dos indivíduos componentes dos respetivos organismos oporem resistência ao cumprimento dos seus deveres, no concernente ao pagamento do cotação, lhe seja boicotada a liberdade de trabalhar.

5.º Que sejam nomeados em todas as oficinas e armazéns camaradas incumbidos de velar pela sindicalização dos respetivos membros.

Depois do relator justificar largamente a doutrina expressa na tese, visto que todos compartilhando de qualquer regalia moral ou material obtida, devem por igual compartilhar os esforços a despende na organização e nas lutas a desfer, Eduardo Domingues declara ser triste, lamentável que seja preciso vir ao Congresso um trabalho daquela natureza, que a incompreensão ou indiferentismo obrigue a ter-se de recorrer para a violência.

Em abono da tese, cita que uma vez no sindicato que representa foram castigados, numa só vez, 25 camaradas por faltarem a uma reunião.

O presidente dá diferentes explicações demonstrativas de que em Gaia e Pórtico a sindicalização está bem desenvolvida, no que discorda Francisco de Sá, que se refere ao número dos refractários à organização e às dificuldades de entrada dos cobradores sindicais nas casas inglesas. Concorda com a tese, para cujo cumprimento se pode mesmo fazer um movimento das casas industriais portuguesas não se trabalhando para as inglesas, no sentido do pessoal destas pensar nos seus deveres para com os seus organismos profissionais.

Approvedo que este trabalho da Associação de Classe dos Operários Taneiros e Serradores Mecânicos do Pórtico e Gaia fosse aprovado em conjunto com a tese da «Crise de trabalho». José de Oliveira Neto cita o facto de alguns patrões meterem indivíduos estranhos ao serviço de caixoteiros, tirando assim, o pão aos verdadeiros profissionais.

Isto faz-se por uma questão de cupidez industrial, visto que aqueles incompetentes se sugeriam desgraçadamente a um horário longo de trabalho e a um salário bastante irrisório. Como manifestasse a sua desconfiança de que os mecânicos de Lisboa faziam serviço de caixoteiro, João de Almeida demonstra tal não suceder.

Aprovadas as teses por unanimidade, é nomeada a mesa para a 4.ª sessão, que fica assim composta: Presidente, Francisco de Sá e Agostinho de Almeida e Júlio Araújo, respectivamente 1.º e 2.º secretários.

E lido um ofício da Associação dos Manipuladores de Pórtico e Pórtico e Gaia, saudando elusivamente os congressistas e agradando trabalhos eficazes para o desenvolvimento da organização operária e revolucionária — depois do que a sessão é encerrada pelas 18 horas.

HORARIO DE TRABALHO

Os empregados no comércio tratam do cumprimento da lei, na sua profissão

Uma comissão composta por representantes da Federação dos Empregados no Comércio (Zona Sul), União dos Empregados no Comércio do Pórtico e Associação dos Empregados Bancários da mesma cidade, entrevistaram ontem o ministro do Trabalho, dr. Costa Cabral, pedindo-lhe o rigoroso cumprimento do decreto 10.872

O delegado dos bancários pugnou especialmente pela sua classe reclamando as 6 horas de trabalho diárias.

O dr. Costa Cabral depois de ouvir os comissionados prometeu ir estudar o assunto.

A comissão ficou de elaborar um documento contendo as reclamações da Federação sobre o assunto, que entregará por estes dias ao ministro.

Têxteis de Riba de Ave

Os gravistas dispõem-se a sacrificar-se até vencerem

SANTO TIRSO, 7. — Segundo informações que há pouco recebemos de Riba de Ave, os gravistas estão dispostos a lutar, até que justiça lhes seja feita, contra os maiores do industrialismo mancomunado com as autoridades distritais, que pretendem reduzir-lhes a condição de escravos.

Em Canigas, Negrelhos, Vizela, Delaias, Riba de Ave e nesta localidade fez o S. U. da Classe Textil do Pórtico distribuir profusamente um manifesto do qual recordamos os trechos que seguem:

«Operários da indústria textil! O horário de 8 horas de trabalho impõe-se como uma necessidade que todos nós sentimos! A luta que vós encastelastes pela sua conquista deve ser triunfante, desde que da vossa parte exista a solidariedade indispensável! Lembrai-vos da saúde dos vossos entes mais queridos, que carecem de mais carinho e conforto!»

Este sindicato, fiel ao cumprimento dum dever — prestando-lhes a solidariedade de que careceis — exorta-vos a que continueis na vossa luta, cheia de razão e de justiça! Incita-vos a que procureis organizar-vos, dentro dumha associação de classe, a qual será para futuro o único baluarte que procurará defender-vos das armadas do capitalismo rapace e ultramontano!»

«A organização do vosso sindicato, é a par da luta que encastelastes pró-jornal de 8 horas, uma necessidade que se impõe!»

(E.)

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Operários das obras do Estado

Em consequência de não terem sido readmitidos nas obras do Estado uma grande parte dos operários licenciados, os delegados do S. U. C. Civil, depois de com eles terem reunião, procuraram o director dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais, fazendo-lhe sentir a forma atraibiliaria como foi feita a readmissão dos operários, deixando-se muitos desocupados, comunicando-lhe em nome do sindicato que representavam que este achava preferível que todos fossem readmitidos, sendo todos licenciados também quando a verba faltasse.

O director disse não poder fazer, que o assunto deve ser tratado com o administrador ou com o ministro do Comércio, que tinha ordenado assim a readmissão devido à falta de verba e que quando o parlamento votar mais cinco diodécimos poderão ser admitidos mais operários.

Os delegados comunicaram também que alguns operários costumam pedir licenças para virem para trabalhos particulares, e que o sindicato entende que a isso se devia obstar a fim de não serem afectados os interesses dos que andam sem trabalho. O director achando justa a observação vai dar ordens para não serem concedidas licenças para tal fim.

Os licenciados são convidados a comparecer hoje, pelas 13 horas, na sede do sindicato para continuação das demarchas.

Obras das Casas Económicas da Ajuda

O delegado destas obras juntamente com um delegado do S. U. C. Civil procuraram ontem o ministro do Comércio para tratar da questão de falta de verba para a continuação dos trabalhos. Não tendo sido recebidos, resolveram procurar o de novo amanhã.

A torpe especulação dos industriais corticeiros de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 9. — Nunca julgámos que a crise de trabalho na indústria corticeira tomasse tanto vulto como o que agora se verifica.

Da classe que aqui conta cerca de 1.200 operários, só uma centena está trabalhando, e ainda déste número as mulheres e menores formam a maioria.

Destas apavorante situação valem-se os industriais para mais ainda escravizarem o seu pessoal. Os raros que têm as oficinas laborando, ameaçam-no com e encerramento se ele pretende elevar a voz contra a desumana exploração que sofrem. Entre estes contam-se as casas: Cláudio Rodrigues e Guedes & C. A.

Têm as fábricas paralisadas: João Calheiros, Lda. Sílvia & Beira, João de Barros, Empresa de Cortiças do Norte de Portugal, e outros.

Esta última reabriu há dias com uma redução do pessoal de 25% nos salários. Resume-se nisto a crise de trabalho aqui: Os industriais pretendem obrigar os trabalhadores, pela fome, a aceitarem um salário reduzido.

E estarão os operários dispostos a deixar triunfar os manejos dessas criaturas?

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Parece que há quem tenha interesse em provocar um conflito violento entre Portugal e Espanha. Contra essas manobras deve o operário estar precavido.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—